

Para começar a estudar o Imaginário: histórias, arquétipos e mitos

Francisco dos Santos¹



CARVALHO, André Campos de. **Imaginário e narrativas arquetípicas: como criamos heróis e histórias que marcam a humanidade.** São Paulo: Criativo, 2021.

Resumo: Dentre as diversas referências acerca dos estudos da imagem e imaginário, o livro *Imaginário e narrativas arquetípicas: como criamos heróis e histórias que marcam a humanidade* (2021), de André Campos de Carvalho, se apresenta como uma obra de entrada aos Estudos do Imaginário, em especial à heurística da Escola de Grenoble – que fundou, a partir da Teoria Geral do Imaginário (TGI), de Gilbert Durand, o que podemos chamar atualmente de Estudos do Imaginário.

Palavras-chave: Estudos do Imaginário; Narrativa; Arquétipo.

To Start Studying the Imaginary: Stories, Archetypes and Myths

Abstract: The book *Imaginário e narrativas arquetípicas: como criamos heróis e histórias que marcam a humanidade* [Imaginary and archetypal narratives: how we create heroes and stories that mark humanity] (2021), by André Campos de Carvalho, presents itself as an entry work to the Studies of the Imaginary, in particular the heuristics of the Grenoble School – which founded, based on Gilbert Durand's *general theory of the imaginary* (GIT), what we currently call studies of the imaginary.

Keywords: Studies of the Imaginary; Narrative; Archetype.

¹ Doutor em Comunicação e Informação pelo PPGCOM-UFRGS, Pesquisador no Grupo Imaginalis, Professor da Faculdade de Comunicação Social da UniRitter. E-mail: francisco_santos@uniritter.edu.br.

Nossa cultura de massas criou e ainda cria uma miríade de histórias. Seja no desenvolvimento de roteiros para cinema e audiovisual, seja para narrar trajetórias de um sujeito, empresa ou marca para uma campanha comercial. Saber interpretar e construir estas histórias é uma competência importante para cineastas, quadrinistas, fotógrafos, roteiristas, todos aqueles que fomentam a indústria criativa. Nesse sentido, torna-se necessário adentrar no Imaginário, entendido como um museu de imagens compartilhado por toda a humanidade, de onde se desenrolam em narrativas os mitos, nossa primeira base de explicação acerca dos fenômenos humanos e naturais.

Dentre as diversas referências acerca dos estudos da imagem e imaginário, o livro *Imaginário e narrativas arquetípicas: como criamos heróis e histórias que marcam a humanidade*, de André Campos de Carvalho, se apresenta como uma obra de entrada aos Estudos do Imaginário, em especial à heurística da Escola de Grenoble. Essa escola fundou, a partir da Teoria Geral do Imaginário (TGI), de Gilbert Durand, o que podemos chamar atualmente de Estudos do Imaginário. Tal campo de conhecimento tem como objetivo o estudo dos fenômenos humanos ligados ao simbólico.

Nesta esteira, a obra de André Campos de Carvalho fornece um mapa geral do que podemos chamar, conforme Durand, de *hermenêuticas instauradoras*: os estudos que se debruçaram sobre o imaginário e a cultura, compreendendo-os a partir de um processo de troca entre sujeitos e o meio social, cultural e ambiental. Carvalho reconhece, desde o início, que tratar da heurística durandiana não é uma tarefa fácil, na medida em que questiona as diversas tradições epistemológicas do Ocidente e propõe uma percepção interdisciplinar sobre as manifestações culturais. Com o intuito de popularizar o acesso a estas hermenêuticas e, em especial, à obra de Gilbert Durand, o livro se articula, entre introdução e considerações finais, em três grandes capítulos: “O Imaginário na história”, “O Imaginário de Gilbert Durand” e “Mito e Imaginário”.

No capítulo dois, o autor reflete acerca da questão da imagem no Ocidente. Tendo como base “O Imaginário”, de Gilbert Durand, e obras de comentadores contemporâneos, são apresentados, ao longo da história, os momentos em que as imagens e a imaginação sofreram retrações, desde o iconoclasmo bizantino até os reducionismos dos cientistas modernos. Apesar das investidas contra a imagem no Ocidente, a fantasia e a quimera passaram a habitar a cultura de massa, ainda mais após a explosão do vídeo. É neste flanco que os Estudos do Imaginário se instauram, tendo Gilbert Durand como grande expoente, mas, entre outros, a presença de Gaston Bachelard, a partir de sua obra noturna, que buscava a interpretação da imaginação material, assim

como de Henry Corbin, o qual cunhou o termo *mundus imaginalis* para se referir às mundivisões que construímos a partir de nossa imaginação.

O terceiro capítulo incursiona na biografia e bibliografia de Gilbert Durand. Nascido em Chambéry, capital da Saboia, o fundador da TGI veio de uma infância ligada ao campo, teve sua formação na Escola de Grenoble e desenvolveu sua reflexão acerca da imagem e do imaginário a partir dos Ciclos de Eranos. Daí começam as provocações para o desenvolvimento de sua tese principal, a obra “As estruturas antropológicas do Imaginário”, que veio a se tornar a pedra-chave da TGI, a partir da qual os estudos do imaginário vieram a se consolidar. Neste capítulo, também, Carvalho apresenta as três grandes estruturas do imaginário, heroica, mística e dramática, entendendo-as como formações dinâmicas de imagens simbólicas a partir das quais outras imagens são criadas e lançadas à cultura.

Tais estruturas se formam a partir de uma troca incessante entre as motivações simbólicas humanas e o meio cósmico e social, troca esta que constitui o que Durand nomeia de Trajeto Antropológico. Neste sentido, é a partir do enfrentamento da realidade que nossa imaginação erige as estruturas, em especial no enfrentamento do medo primordial da morte, que se manifesta a partir do medo da queda, do animal feroz e da escuridão. Em consonância com a escola russa de Leningrado (hoje, São Petersburgo), que estudou os gestos reflexológicos humanos, Durand aponta para três dominantes: postural, que remete ao gesto humano de colocar-se em pé, digestiva, ligada à alimentação e ao acolhimento, e copulativa, associada às necessidades de reprodução. É a partir destas três dominantes que surgem as estruturas do imaginário: a heroica, ligada ao postural e ao enfrentamento dos medos primordiais, a mística, associada à descida digestiva e à aceitação destes medos, e a dramática, que visa colocar os medos em relação e associada à dominante copulativa. A cada apresentação de cada estrutura, Carvalho mapeia as diversas imagens que podem se associar a cada uma das estruturas, além de apresentar, com o cuidado necessário, a noção de constelação de imagens, que, mais do que a concepção singular do significado de cada imagem, deve ser interpretada a partir de suas relações.

O quarto capítulo, “Mito e Imaginário” é dedicado à exploração da relação entre as imagens compartilhadas pelo coletivo e a noção de mito. É neste ponto que Carvalho se dedica a diferenciar mito e imaginário para a TGI de outras concepções, indicando o pressuposto de que o mito pode ser entendido como uma narrativa que coloca no fio do discurso as imagens simbólicas. Dessa forma, é no mito que se encontram as narrativas arquetípicas, ou seja, as explicações primordiais para os fenômenos cósmicos e sociais. Nesta esteira, o autor traça reflexões acerca dos mitos que habitam nossa cultura de massas: a Jornada do Herói, o mito de Ícaro, o mito de Orfeu e a Peregrinação. A

primeira remete aos estudos de Joseph Campbell, mitólogo que desenvolveu a noção de monomito, na qual se destaca um protagonista, o Herói, que passa por diversas situações até conseguir vencer o inimigo e recuperar seu tesouro. Como contraponto ao monomito, Carvalho aponta para o mito de Ícaro, que ascendeu aos céus em asas de cera, tendo uma queda vertiginosa e um acidente fatal, mito este que se encrusta nas narrativas contemporâneas de alguns anti-heróis. O mito de Orfeu, por sua vez, é trazido pelo autor para destacar as narrativas que colocam os sujeitos comuns em protagonismo: o herói não é este semideus, mas um sujeito “normal” que se esforça em vencer as batalhas de seu contexto. Por fim, é explorada a mitologia da Peregrinação, donde advêm as narrativas sobre autoconhecimento e busca do protagonista por seu lugar no mundo. Contudo, o autor faz uma ressalva: estas aproximações foram feitas para fim de estudo, na medida em que a análise de um imaginário se dá a partir da contextualização ostensiva, do conhecimento aprofundado acerca das narrativas ancestrais e do exame das constelações de imagens simbólicas que se espalham pelas produções culturais.

Ao final do livro, pode-se perceber o cuidado de Carvalho com a observação do imaginário em nossa cultura: não é simplesmente a marcação das referências míticas que devem ser levadas em conta, mas também a forma como tais imagens são expressas e como pretendem significar. “Imaginário e narrativas arquetípicas” é repleto de referências tanto das culturas arcaicas como da cultura de massas, demonstrando a dedicação de seu autor em deixar evidente seu exaustivo trabalho de pesquisa, assim como sua capacidade reflexiva e interpretativa na aproximação simbólica destas narrativas. Para todos aqueles que têm interesse em aprofundar seu repertório cultural, a obra de Carvalho traz referências fulcrais dos Estudos do Imaginário, elementos importantes de nossa cultura de massas e referências de narrativas míticas importantes.

Referências bibliográficas

CARVALHO, André Campos de. **Imaginário e narrativas arquetípicas: como criamos heróis e histórias que marcam a humanidade**. São Paulo: Criativo, 2021. ISBN: 978-65-88311-03-5

submetido em: 28 dez. 2021 | aprovado em: 28 jan. 2022